

Palavra de Vida

*“Basta-te a
minha graça,
porque a força
manifesta-se
na fraqueza”*

(2 Cor 12, 9).

Na segunda carta à comunidade de Corinto, o apóstolo Paulo responde a algumas pessoas que punham em dúvida a legitimidade da sua atividade apostólica. Mas ele não se defende, nem enumera os seus méritos e sucessos. Pelo contrário, põe em evidência a obra que Deus realizou, nele e por seu intermédio.

Paulo faz referência a uma sua experiência mística de profunda relação com Deus ⁽¹⁾, para logo a seguir partilhar o seu sofrimento, por causa de um “espinho” que o atormenta. Não

“Basta-te a minha graça, porque a força manifesta-se na fraqueza” (2 Cor 12, 9).

explica do que é que se trata exatamente, mas compreende-se que é uma dificuldade grande, que o poderá limitar na sua tarefa de evangelizador. Por isso, confessa que pediu a Deus que o libertasse dessa limitação, mas a resposta de Deus é desconcertante:

«Basta-te a minha graça, porque a força manifesta-se na fraqueza».

Todos nós temos continuamente a experiência das fragilidades, próprias e alheias, tanto físicas como psicológicas e espirituais, e vemos à nossa volta uma humanidade que sofre e anda à deriva. Sentimo-nos fracos e incapazes de resolver essas dificuldades, e até de as enfrentar. Quando muito, limitamo-nos a não fazer mal a ninguém.

Esta experiência de Paulo, pelo contrário, abre-nos um horizonte novo: reconhecendo e aceitando a nossa fraqueza, podemos abandonar-nos completamente nos braços do Pai, que nos ama tal como somos e quer apoiar-nos na nossa caminhada. Prosseguindo essa carta, Paulo afirma ainda: *«Quando sou fraco, então é que sou forte»* (2).

A este propósito, Chiara Lubich escreveu: *«[...] A nossa razão revolta-se contra seme-*

lhante afirmação, porque nos apercebemos de uma contradição flagrante, ou simplesmente de um ousado paradoxo. Pelo contrário, ela exprime uma das mais altas verdades da fé cristã. Jesus explica-nos essa verdade com a sua vida e, sobretudo, com a sua morte. Quando é que cumpriu a Obra que o Pai lhe confiou? Quando é que redimiou a humanidade? Quando é que venceu o pecado? Quando morreu na cruz, aniquilado, depois de ter gritado: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”. Jesus foi mais forte precisamente quando foi mais fraco. Jesus teria podido dar origem ao novo povo de Deus, unicamente com a sua pregação ou com mais algum milagre ou um qualquer gesto extraordinário. Mas não. Não, porque a Igreja é obra de Deus e é no sofrimento, e só no sofrimento, que florescem as obras de Deus. Portanto, na nossa fraqueza, na experiência da nossa fragilidade, esconde-se uma oportunidade única: experimentar a força de Cristo, morto e ressuscitado [...]» (3).

«Basta-te a minha graça, porque a força manifesta-se na fraqueza».

Este é o paradoxo do Evangelho: aos mansos é prometida a Terra como herança (4). Maria, no *Magnificat* (5), exalta o poder do Senhor, que pode

expressar-se total e definitivamente, na nossa história pessoal e na História da Humanidade, precisamente no espaço da nossa pequenez e na confiança na ação de Deus.

Comentando esta experiência de Paulo, Chiara sugeria ainda: «[...] a escolha que nós, cristãos, devemos fazer, vai totalmente em sentido contrário àquela que normalmente fazemos. Nisto podemos realmente ir contra a corrente. O ideal de vida do mundo em geral consiste no sucesso, no poder, no prestígio... Paulo, pelo contrário, diz-nos que é preciso gloriar-se nas fraquezas [...]. Confie-mos em Deus. Ele operará sobre as nossas fraquezas, sobre o nosso nada. E sempre que é Ele a agir, podemos ter a certeza de que realiza obras que têm valor, que irradiam um bem duradouro e que vão ao encontro das verdadeiras necessidades dos indivíduos e da coletividade» (6).

Letizia Magri

1) Cf. 2 Cor 11, 1-7a; 2) cf. 2 Cor 12, 10; 3) cf. C. Lubich, *La forza del debole*, Città Nuova, 44, [2000], 12, p. 7; 4) cf. Mt 5, 5; 5) cf. Lc 1, 46-55; 6) cf. C. Lubich, *Dio opera sulla nostra debolezza*, Città Nuova, 26, [1982], 11/12, p. 59.